



EDITORIAL

Teologia africana: diversidade, pós-colonialismo, diálogo intercontinental, esperança

African Theology: Diversity, Postcolonialism, Intercontinental Dialogue, Hope

Cleusa Caldeira * / Francisco das Chagas de Albuquerque **

Antes de tudo, deve-se reconhecer que a designação temática “Teologia africana”, mais que um assunto que se reduz a um único discurso, ela é plural e diversificada. Basta considerar que a África possui muitos povos, cada um com sua cultura, religião e história próprias. Desta forma, parte-se do pressuposto de que há várias teologias africanas, não se podendo, portanto, a rigor, falar de teologia africana, como se existisse um discurso teológico único que responde às distintas realidades africanas. Nesse sentido, o presente fascículo, trazendo o referido título, exige uma identificação da africanidade teológica da qual tratam os artigos referentes ao tema, para deixar clara sua caracterização. Trata-se de reafirmar o dado óbvio do caráter contextual da teologia, especialmente considerando-se a questão da decolonialidade do pensamento teológico, que, por outro lado, se insere no imenso cabedal da teologia cristã.

A África é um continente marcado pela diversidade de povos, culturas, religiões e, conseqüentemente, teologias. Essa pluralidade reflete-se nas diferentes abordagens teológicas desenvolvidas ao longo da história, especialmente no contexto pós-colonial. A teologia africana está intrinsecamente ligada ao contexto em que se desenvolve. O caráter contextual dessa teologia não a torna particularista, mas, ao contrário, é nessa contextualidade que

* Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, São Paulo, Brasil.

** Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

se encontra sua dimensão universal. Assim, as teologias africanas dialogam com questões específicas do continente, como o impacto do colonialismo, a influência das religiões tradicionais e o papel da comunidade na prática cristã, ao mesmo tempo em que se inserem em um debate teológico global.

O conceito de decolonialidade utilizado em teologias contextuais do “Sul” implica vários aspectos estruturais para abordagem das questões teológicas trazidos pelos artigos, que configuram uma teologia decolonial. Para Maldonado-Torres (2023, p. 28)¹, que relaciona descolonização com libertação, o conceito de decolonialidade garante dois campos da memória histórica: reconhece-se a colonização e suas diferentes dimensões no horizonte da luta e se mantém a compreensão de que a lógica e a herança do colonialismo podem prosseguir sua existência, mesmo depois do fim da colonização formal, bem como da conquista da independência econômica e política.

O pensamento pós-colonial tem ganhado força no cenário teológico africano, impulsionado por autores de referência que questionam os resquícios do colonialismo e propõem uma teologia enraizada nas realidades locais. No entanto, permanece a questão: o pós-colonialismo é um movimento restrito a pequenos grupos ou representa um ideal compartilhado em todo o continente? Independentemente da resposta, a discussão pós-colonial tem se mostrado fundamental para a construção de uma teologia africana autônoma e contextualizada. A teologia africana é fortemente marcada pela contribuição de mulheres, muitas delas leigas, que trazem para o debate questões de gênero, raça e identidade. Além disso, a teologia afrodiaspórica se apresenta como um elo entre o continente e as comunidades da diáspora, enriquecendo o diálogo teológico com novas perspectivas e experiências.

Outro aspecto da epistemologia da Teologia africana é seu diálogo com a tradição copta e com as comunidades cristãs do norte da África, onde a presença de árabes e cristãos evidencia um mosaico religioso complexo. A Teologia Africana constitui um campo dinâmico e multifacetado, que desafia a Igreja a respeitar e integrar a riqueza multicultural do continente em sua prática e doutrina. Ao reconhecer essa diversidade e promover um diálogo intercontinental, avançamos na construção de uma teologia verdadeiramente universal, enraizada nas experiências e esperanças do povo africano, fazendo sobressair o significado libertador, próprio de toda autêntica teologia cristã.

Um olhar sobre a gênese da teologia africana permite-nos uma melhor compreensão de sua diversidade e consequentemente da importância do

¹ O autor distingue colonialismo, colonialismo moderno e colonialidade. “Colonialismo pode ser entendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a ‘descoberta’; e colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais” (Maldonado-Torres, 2023, p. 35).

diálogo na sua construção. Neste sentido pode-se tentar responder algumas questões pertinentes à identificação desta teologia e sua relação com outras teologias da libertação: O que é Teologia africana? É toda teologia elaborada no continente africano? Ou ela possui características distintivas que transcendem os limites geográficos? Quando surgiu, propriamente, a reflexão que passou a ser denominada Teologia Africana? Qual é a preocupação principal da teologia no continente africano? Em que momento podemos situar historicamente o seu nascimento?

Como resposta a essas questões, evocam-se brevemente alguns aspectos historiográficos relevantes para a compreensão das temáticas específicas desenvolvidas nos artigos temáticos deste fascículo. Vale lembrar, antes disso, o problema do racismo epistêmico latino-americano, que tende a privilegiar a interlocução com a tradição teológica euro-americana.

A gênese de um autêntico cristianismo africano está intimamente vinculada ao renascimento das culturas africanas. Historicamente, sabemos que o colonialismo negou aos africanos a sua própria civilização e tachou suas tradições culturais de primitivas e bárbaras. Desta maneira, se tornou impossível o florescimento de um genuíno cristianismo africano, pois havia uma espécie de vazio cultural. A transmissão da fé cristã no continente africano esteve intrinsecamente associada ao movimento de ocidentalização. E, se, por um lado, a vivência da fé foi experimentada como sendo estrangeira e superficial, por outro, as realidades mais profundas estariam vinculadas às religiões tradicionais africanas. A teologia da incultuação surgiu do desejo de ter uma autêntica Teologia africana, utilizando as culturas africanas como veículo para o Evangelho. Este momento está marcado pelo diálogo com as religiões tradicionais africanas, que a teologia tradicional europeia nomeou de primitivas e diabólicas.

O cristianismo chegou na África já nos tempos da Igreja primitiva, cujos testemunhos bíblicos são amplamente recuperados para fundamentar um cristianismo africano, tais como: o fato de Jesus ter se refugiado no Egito (Mt 2,13-23) e a chegada do cristianismo na África com o relato do “Etiope”, o eunuco da rainha Candace (At 8,26-40). Por outro lado, a história do cristianismo africano passa pela veneração da tradição egípcia à São Marcos como o fundador da Igreja de Alexandria, no Egito, no ano de 62 d.C. Marcos era o companheiro do apóstolo Pedro (1Pd 5,13). Esse cristianismo alexandrino produziu apologistas como Clemente, Orígenes e Atanásio, reconhecidos como Pais da Igreja, amplamente estudados pela teologia ocidental. E não podemos deixar de mencionar a africanidade de Agostinho de Hipona, Cipriano e Tertuliano, notáveis Pais da Igreja, sem os quais não é possível compreender as bases da teologia ocidental.

Diante disso, para falar de Teologia africana, é necessário fazer uma distinção entre a chegada do cristianismo na África e o tempo de ebulição de uma Teologia africana. Neste sentido, para fins didáticos, costuma-

se dividir a história africana em dois grandes períodos. O primeiro é o período da antiguidade cristã (62- 1500) e, o segundo, o período a partir da colonização (1500- atual). Cada período corresponde, também, a uma geografia predominante do cristianismo, a saber: o cristianismo da África do norte e Corno de África (África no Norte, Egito, Núbia e Etiópia) e o cristianismo subsaariano (que corresponde a 75% do continente africano). A reflexão teológica que hoje conhecemos como Teologia africana está ligada ao segundo período e é um empreendimento relativamente recente. Contudo, a chegada do cristianismo na África é muito anterior à chegada dos missionários europeus no século XV.

Em 1955 iniciou-se um processo que culminará no nascimento, propriamente dito, da Teologia africana. Em Accra, sob o patrocínio do Conselho Cristão da Costa de Ouro, aconteceu o primeiro encontro sobre “Cristianismo e Cultura Africana”, onde se reafirmou a continuidade entre as religiões africanas e o cristianismo. Com este evento, as Igrejas foram convocadas a utilizarem a cultura africana como única linguagem para proclamar o Evangelho. Em 1956, duas teses de doutorado, na esteira de Tempels, foram publicadas: “A unidade vital banto”, por Vicente Mulago, e “A filosofia banto-ruandesa”, por Alexis Kagame. E, em 1956, 13 padres africanos que estudavam em Paris lançaram um manifesto: “Os padres negros interrogam-se” (*Des prêtres noirs s’interrogent*), no qual pediam uma real africanização da Igreja. Dentre eles estavam Vicent Mulago, Alexis Kagame, Meinrad Pierre Hebga e Engelbert Mveng.

Do lado católico, foi após o Concílio Vaticano II (1962-1965) que a Teologia africana recebeu o impulso definitivo, sobretudo, com o discurso da insistência na pluralidade de teologias e na existência das *sementes do Verbo* nas religiões não cristãs. Evidentemente, no contexto pós-colonial, essa perspectiva das “sementes do Verbo” já foi ultrapassada, porque nega a alteridade das religiões e as submetem ao crivo da religião cristã.

Do lado protestante, o apelo por uma Teologia africana ecoou fortemente através do estudo de Bengt Sundkler acerca do “Ministério cristão em África”, de 1960, que teve grande reverberação na liderança protestante na direção de uma autêntica teologia africana. Fundamental foram os encontros promovidos pela AACC (Conferência das Igrejas de toda a África) para o crescente fortalecimento da uma Teologia africana, em 1963 e 1969, com a sugestão de indigenização das liturgias e a africanização das formulações doutrinárias cristãs, apesar do receio de sincretismo. AACC é uma associação ecumênica de mais de 120 milhões de cristãos africanos, com cerca de 174 igrejas nacionais e conselhos regionais. É uma das organizações regionais do Conselho Mundial de Igrejas.

Em sintonia com do Concílio Vaticano II, e acolhendo a orientação para a inculturação da mensagem do Evangelho, a ênfase teológica na inculturação tornou-se a abordagem africana mais desenvolvida a partir

da assunção dessa intuição conciliar fundamental. O discurso teológico parte da antropológica-cultural, ela busca pela indigenização do Evangelho para africanizar o cristianismo e, conseqüentemente, remover a roupagem estrangeira para garantir sua relevância no contexto africano. Nesta perspectiva, a teologia da inculturação busca uma interação cada vez maior entre evangelho e cultura.

Nesse sentido, a Igreja Católica tem experimentado um crescimento significativo na África, com um aumento das vocações e uma expressiva participação dos fiéis. Esse florescimento cristão se manifesta em uma teologia que valoriza a dimensão corporal e comunitária da fé. A música, a dança e os gestos desempenham um papel central na liturgia e na expressão da espiritualidade africana, elementos que também precisam ser refletidos na produção teológica. A relação entre o Magistério e a pluralidade cultural e teológica africana é um tema relevante. O rito zairense, por exemplo, é uma expressão litúrgica que incorpora elementos culturais africanos na celebração eucarística, demonstrando como a Igreja pode dialogar com a diversidade sem perder sua unidade.

Longe de pensar a teologia da inculturação como uma coisa do passado, pois não apenas houve uma ocidentalização do mundo travestida de evangelização, para os teólogos e teólogas africanas essa perspectiva é atual, pois ainda hoje assistimos a imposição da cultura ocidental com a globalização. Não podemos deixar de mencionar que a busca por uma síntese entre cristianismo e culturas africanas esteve na base dos movimentos das assim chamadas “Igrejas Independentes Africanas”, que precedeu o nascimento daquilo que estamos chamando de Teologia africana. A Igreja Kimbanguista e outras Igrejas independentes resultam deste desejo cristão africano por uma espiritualidade africana, cujo principal representante é o “profeta africano” congolês Simon Kimbangu (1887-1951). De modo que para muitos teólogos da perspectiva da inculturação, não se pode ignorar as Igrejas Independentes como fontes do quefazer teológico.

As críticas mais contundentes à perspectiva da inculturação vieram de dois grandes teólogos africanos, a saber, o camaronês Jean-Marc Ela SJ(1936- 2008) e o congolês Bénédet Bujo (1940-2023), ambos sacerdotes católicos. Eles alertaram para o risco de uma teologia da inculturação que se preocupasse apenas com a cultura africana pensada como algo do passado, fossilizada e engessada, elaborada academicamente. Disso resultaria uma teologia igualmente abstrata, que não teria nenhuma revelância para o contexto da situação vital do povo. E essa situação vital estava marcada em seus aspectos políticos, sociais e econômicos por estruturas coloniais, que perduram mesmo depois da independência.

O avanço das teologias africanas inculturadas torna-se fundamental para o enfrentamento do colonialismo e suas conseqüências. Desta maneira, sem negar os efeitos do passado colonialista, detectou-se que a degradação da

situação vital dos povos africanos era também resultado da exploração dos pobres pela classe governante africana. Tratava-se da irrupção do neocolonialismo, que foi um duro golpe sobre os sonhos de independência, das utopias de dignidade, de paz, de justiça, de solidariedade e pulsão criativa para o cristianismo africano e as comunidades eclesiais. Essa dura constatação impulsionou o discurso de uma teologia da libertação, que enfatizava a metáfora do Êxodo como motivo dominante. E foi, justamente, a Teologia da Libertação latino-americana que impactou grandemente os teólogos africanos.

Destaca-se o protagonismo de Jean-Marc Ela nesta perspectiva de apelar para o engajamento da Igreja em problemas sociais, apelando para os bispos assumirem o papel de promotores da justiça. Assim, de modo geral, a Teologia da Libertação africana está muito próxima da Teologia da Libertação latino-americana e muito mais próxima da Teologia Negra americana, cujo principal expoente é James Cone, pois todas expressam grande preocupação pela justiça social.

Ainda dentro desta perspectiva da libertação, pode-se incluir a Teologia Negra sul-africana, como uma espécie de reação à irrelevância da teologia dos missionários, que fracassou em denunciar a condição desumanizadora da pessoa negra diante do sistema do *apartheid*. Fulcral para a teologia sul-africana é a questão da salvação como uma verdadeira humanização. Um dos principais teólogos desta corrente é o teólogo sul-africano Albert Nolan OP (1934-2022).

Como isso, no continente africano, a Teologia da Libertação africana vai se autocompreendendo como um instrumento de transformação social. E, por ter enfoques diferentes, a Teologia da Libertação africana e a teologia da inculturação foram postas como movimentos contraditórios. Pensando na confluência entre ambas perspectivas, Nyamiti (1982) chamou a atenção para o fato de que toda verdadeira e integral teologia de inculturação deve ser também política, de libertação e vice-versa. Foi a crescente conscientização desta confluência que abriu espaço à Teologia africana abrir passagem para um novo momento do quefazer teológico no continente africano.

Diante do exposto acima, deve-se aproximar das diversas teologias produzidas na África reconhecendo sua pluralidade e sua dinamicidade. E mais importante, assumir que as diversas perspectivas coexistem e devem juntas avançar para promover a libertação e a reconstrução do destino africano. Além disso, o apelo ao diálogo teológico intercultural na relação entre os continentes e povos deve estar presente no grande objetivo de levar a teologia aos debates sobre a liberdade e a libertação integral no presente e futuro da humanidade.

Referências

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROS-FUGUEL, Ramón (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. p. 27-53.

KAGAME, Alexis. The Trail of an African Theology. In: BUJO, Benezet; ILUNGA MUYA, Juvénal (org.). *African theology in the 21st century : the contribution of the pioneers*. Nairobi: Paulines Publications Africa, 2008.

NYAMITI, Charles. Considerações sobre a teologia africana. In: FALABELLA, Virgínia; TORRES, Sérgio (org.). *O evangelho emergente*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 55-71.

Cleusa Caldeira é doutora em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professora permanente na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião. Orcid.org/0000-0001-7202-0682. Email: cleusa.caldeira@puc-campinas.edu.br

Endereço: Rua Sergipe, 1503, ap. 301. Centro
86.020-330 – Londrina – PR

Francisco das Chagas de Albuquerque SJ é doutor em Teologia Sistemática pela Pontifícia Università Gregoriana. Professor na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia desde 2009. Orcid.org/0000-0002-0004-1887. E-mail: albuquerque.fc.86@gmail.com

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31.720-300 – Belo Horizonte – MG

